

NAS FRONTEIRAS DA MILITÂNCIA ENTRE O BRASIL E O CHILE

*AT THE BORDERS OF MILITANCY BETWEEN
BRAZIL AND CHILE*

*EN LAS FRONTERAS DE LA MILITANCIA ENTRE
BRASIL Y CHILE*

Maria Socorro Sousa Araújo¹

Resumo: Com o golpe de estado que implantou uma ditadura civil-militar no Brasil, em 1964, as organizações de esquerda foram decretadas ilegais. Entretanto, seus militantes e simpatizantes enfrentaram os autoritarismos pelos movimentos de contestação, ou pela luta armada, quando se intensificou a repressão política contra os opositores do regime ditatorial. Na dinâmica das ações políticas se incluía a vida clandestina como forma de sobrevivência das lutas e dos militantes. Nessa perspectiva, este texto analisa a experiência de militância de esquerda da então estudante mato-grossense Jane Vanini que, como outros tantos militantes, acreditou ser possível construir o mundo das igualdades sociais. Boa parte de suas vivências ficou registrada em correspondências enviadas do Chile (1972-1974) à família que residia no Brasil, revelando valores e tradições vigentes na época. Os conteúdos noticiados dão relevo às escolhas e paixões políticas, utopias, vitórias e até fracassos, desencantos e derrotas de homens e mulheres que construíram vivências nas dimensões e teias dos projetos revolucionários. O sentido de escrever cartas dá visibilidade às circunstâncias que não foram ditas e nem foram escritas, porém a relação que elas estabeleciam entre a remetente e seus correspondentes revelam mundos plurais e vidas singulares que a militante construiu num tempo muito especial: a clandestinidade.

Palavras-chave: Correspondência, Clandestinidade, Regime Militar, Brasil/Chile.

Abstract: With the coup d'état that established a civilian-military dictatorship in Brazil in 1964, leftist organizations were decreed illegal. However, their militants and sympathizers braved the authoritarianism through movements of plea and protest, or through armed struggles, when the political repression against opposition of the dictatorial regime intensified. Within the dynamics of the political actions is included a clandestine life as a way of survival of the struggles and their militants. In this perspective, this text presents the experience of left-

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, MT, Brasil, E-mail: socorro-araujo@unemat.br

t-wing militancy of the then student and Mato Grosso born Jane Vanini who, like many other militants, believed it was possible to construct a world of social equality. Most of her experiences were recorded in correspondences sent from Chile (1972-1974) to her family, who resided in Brazil, revealing the values and traditions of that time. Reported contents reveal her choices and political passions, utopia, victories and even failures, disappointments and the defeats of men and women who built their experiences in the dimensions and webs of revolutionary projects. The sense of writing letters gives visibility to circumstances that were neither spoken nor written, but the relationship they established between the sender and the recipients reveal the plural worlds and singular lives that the militant built in a very unique time era: Clandestinity.

Keywords: Correspondences, Clandestinity, Military Regime, Brazil/Chile.

Resumen: Con el golpe de estado que estableció una dictadura cívico-militar en Brasil en 1964, fueron las organizaciones izquierdistas decretó ilegal. Sin embargo, sus militantes y simpatizantes desafiaron los autoritarismos por los movimientos de contestación, o a través de la lucha armada, cuando se intensificó la represión política contra los opositores del régimen dictatorial. En la dinámica de las acciones políticas, había incluida la vida como una forma de supervivencia de las luchas y los militantes clandestina. En esta perspectiva, este texto examina la experiencia de militancia izquierdista de Mato Grosso estudiante Jane Vanini quien, como muchos otros militantes, cree que es posible construir el mundo de igualdades sociales. En correspondencia enviada desde Chile (1972-1974) la familia que residía en Brasil, revela los valores y tradiciones vigentes en ese momento se registraron la mayoría de sus experiencias. El contenido anunciado da alivio a las opciones y las pasiones políticas, utopías, victorias e incluso fracasos, desilusión y pérdidas de hombres y mujeres que construyeron experiencias sobre las dimensiones y las webs de proyectos revolucionarios. El sentido de escribir cartas da visibilidad a las circunstancias que no habladas y no escritas, pero establecieron la relación entre el emisor y su correspondiente plural y singular vida mundos revelan que el militante en un momento muy especial: construida bajo tierra.

Palabras clave: Correspondencia, clandestinos, el régimen militar, Brasil/Chile.

Em maio de 1992, a revista *ISTO É* (nº 1180, p. 22), ao noticiar os crimes políticos do Chile, na década de 1970, incluiu o nome de cinco brasileiros desaparecidos durante a ditadura militar do general Augusto Pinochet. Entre esses, consta o de Jane Vanini, nascida em 1945, na cidade de Cáceres, estado de Mato Grosso, que entre 1965 e 1966, fixou residência na cidade de São Paulo, com o intuito de continuar seus estudos e trabalhar. A circulação dessa notícia possibilitou conhecer, compreender e desconstruir os silêncios sobre as atividades políticas, a clandestinidade e o desaparecimento dessa militante de esquerda.

Na capital paulista, ela trabalhou como secretária da Revista Engenheiros Modernos e depois, como agente de crediário na empresa Mesbla S/A. Em 1969, ela foi funcionária da Editora Abril. Com o propósito de

cursar Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), passou a frequentar o cursinho preparatório da Faculdade de Filosofia da USP, o que possibilitou se aproximar do Movimento Estudantil da época. Nesse ambiente universitário, entre outros jovens, conheceu Sérgio Capozzi, estudante paulista da Escola Politécnica, com quem se casou pela primeira vez, em 1968. A convivência com os acontecimentos políticos tornou o casal simpatizante da Aliança Libertadora Nacional (ALN).²

Em abril de 1970, Capozzi escapou de um cerco policial-militar na Editora Abril, onde trabalhava no Departamento de Documentação da recém criada Revista Veja. A repressão obteve informações sobre a ligação política de Jane e Sérgio com as organizações de esquerda pelo interrogatório de Gilberto Belloque,³ decorrente de sua prisão e, certamente, sessões de torturas. A partir de então, ambos passaram para a clandestinidade refugian-do-se no sítio de um amigo até conseguirem sair do Brasil em condições seguras. Com os codinomes de *Mário* e *Adélia*, em um navio italiano, o casal chegou à Europa passando por Buenos Aires e Montevidéu. De volta, aportaram em Havana onde receberam suporte para prosseguir na luta. Lá em Cuba, um grupo de militantes, incluindo Jane e Sérgio, decidiu abandonar a ALN para formar o Movimento de Libertação Popular (MOLIPO), acreditando ser este o caminho mais direto e eficaz para enfrentar o regime ditatorial brasileiro.

Retornando ao Brasil em 1971, Jane e Sérgio se juntaram aos companheiros Jeová Assis e Luis Carlos Fleury, restabelecendo a luta da militância numa base campesina perto de Araguaina, Goiás. Com a morte (por emboscada) de Fleury, o grupo perdeu os contatos com a organização e decidiu que Jane iria retomá-los viajando para o Chile. No natal de 1971, ela chegou a Santiago. Com o insucesso das lutas no Brasil, sobretudo, pela vigência do Ato Institucional nº 5 (AI-5),⁴ quando o militarismo intensificou a repressão como método de controle político e social do país e, consequentemente, o desmantelamento das organizações de esquerda, Jane decidiu se incorporar ao *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*⁵ e participar da experiência política chilena comandada por Salvador Allende (1970-1973).

² Organização de esquerda que defendia a luta armada contra o regime militar brasileiro, entre os anos de 1968 e 1973. Surgiu como cisão do Partido Comunista Brasileiro por considerar que este se conduziu de forma apática diante do golpe civil-militar de 1964.

³ Militante da Aliança Libertadora Nacional, com codinome *Alencar*, foi preso em 20 de março de 1970, em São Paulo, capital.

⁴ Os Atos Institucionais eram instrumentos de caráter político-jurídico, editados e publicados durante o regime ditatorial, que tornavam legais e legítimas ações arbitrárias dos governos militares.

⁵ Organização de esquerda chilena, formada basicamente por jovens estudantes, cujas ações revolucionárias eram balizadas pelas experiências cubanas incorporadas pelos militantes durante a formação política.

Em terras chilenas, Jane Vanini fez parte dos movimentos de resistência frente às tentativas de golpe ao governo Allende, com os codinomes de *Adélia, Ana, Carmem, Gabriela e Tereza*, registrou suas experiências em cartas que escrevia e enviava a sua irmã Dulce Vanini, que vivia em São Paulo, capital. O propósito deste texto, portanto, é dar a conhecer a conduta política da militante de esquerda Jane, pelas notícias enviadas ao Brasil e que, em condições adversas de vida, formulou estratégias de luta política ao mesmo tempo em que recriou a convivência familiar através das correspondências. Se expressar pelos conteúdos das cartas significava reinventar-se como sujeito de si mesma e elaborar liberdades de ser e de dizer a vida, fosse esta pública ou privada.

Como tantos outros militantes, durante o tempo em que esteve fora do Brasil e especialmente no Chile (1971-1974), Jane viveu clandestina e trabalhava como datilógrafa-secretária para sua manutenção pessoal. Entretanto, a clandestinidade não era uma opção de vida, mas uma circunstância da luta, como afirmou a ex-militante da ALN Suzana Lisboa:

A clandestinidade não era uma opção para participar da luta; nós vivíamos uma guerra neste país; a Jane, o Sérgio, o Ico, eu e muitos outros participávamos dessa guerra; para você viver essa guerra, você tinha que se adaptar às condições de vida aqui dentro, né?... uma delas era fugir da polícia, fugir da morte, fugir da tortura. As condições da guerra eram totalmente desfavoráveis. Para nós que estávamos lutando contra todo o poderio da ditadura militar, a saída para fora do país era uma opção para muitos que resolveram pedir asilo, viver fora daqui, respirar fora daqui...⁶

O Chile não era socialista, mas Salvador Allende se elegeu presidente em 1970 defendendo a “*via chilena para o socialismo*”. Assim, a partir de 1972, para Jane Vanini, viver no Chile significava tornar possível a materialidade do sonho revolucionário. A experimentação da utopia a fascinava e foi o compromisso com a luta e a lealdade da militância que pesou na decisão. Esse comportamento pode ser compreendido no trabalho de Reis (1987), que Marcelo Ridenti (1993, p. 259) abordou como “o ‘leque das virtudes’ que deve ter um revolucionário modelo e o ‘massacre das tarefas’ que o Partido impõe aos militantes, sobrecarregando-os de obrigações”.

Em maio de 1971, no discurso oficial de abertura da sessão do Parlamento, o presidente Allende reafirmou o programa da *Unidad Popular*.⁷ Na dimensão político-governamental, Allende começou a administração por um congelamento de preços, seguido de aumento salarial e a retomada da reforma agrária, esta já assegurada em lei desde 1965. Além disso, iniciou

⁶ Entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 1992, São Paulo.

⁷ Coalizão de partidos políticos de esquerda, oriunda da Frente de Ação Popular, na qual se subscovia o plano político e governamental do então presidente eleito Salvador Allende (1970-1973).

um processo de estatização das Companhias de eletricidade e telecomunicações e a nacionalização das minas de cobre, que representavam cerca de 70% das divisas do país, cujo controle acionário, na época, pertencia às empresas estrangeiras Anaconda e Kennecott Corporation. O mesmo procedimento foi usado para as minas de carvão, salitre, ferro, petróleo e algumas instituições financeiras. Houve também a criação dos Conselhos Administrativos para nortear a direção das indústrias nacionalizadas e os Comitês de Produção para dinamizar as atividades das empresas estatais.

Na reorganização da sociedade, o governo deu importância à revitalização e ao fortalecimento de grupos com representatividade e visibilidade políticas como, por exemplo, as *Juntas de Vecinos*, criadas em 1968, aos *Centros de Madres* e à *Federación de Trabajadores*, existentes desde 1909, que eram a base de sustentação política da Central Única dos Trabalhadores Chilenos. Estas medidas resultaram em um crescimento do apoio popular ao Allende, comprovado pelo aumento em mais de 50% das representações políticas aliadas ao governo nas eleições municipais de 1971, o que indicava legitimidade às ações governamentais. No final deste mesmo ano, o PIB – produto interno bruto – cresceu 8%, o desemprego caiu para 3% e a inflação reduziu de 30 para 20%, melhorando a renda *per capita* do país, conforme Paiva (1984, p. 46). Isso foi possível porque houve uma demanda por bens de consumo e a indústria passou a trabalhar com sua capacidade máxima de produção.

Entretanto, os opositores da Unidade Popular foram construindo uma desaceleração gradativa e proposital da economia interna chilena provocada, sobretudo, por uma intensa especulação financeira, pela falta de investimentos e reinvestimentos em atividades produtivas, pela retração do capital estrangeiro, pelo desarranjo inflacionário e outros desdobramentos que essas práticas iam produzindo. Politicamente, algumas decisões do governo provocaram insatisfações em parte dos apoiadores de Allende, em especial, os menos moderados. Estes, por sua vez, questionavam os “procedimentos empregados” e não o “fim perseguido”, (BITAR, 1980, p. 158-9). Esses episódios desencadearam confrontos entre as partes tanto nos espaços públicos, quanto nas instituições, como também nos centros de produção. A inconsistência política provocava uma instabilidade governamental.

Já nos primeiros meses de 1972, as forças políticas tradicionais do Chile se fortaleciam e os opositores se organizavam para planejar e sistematizar situações intervencionistas para o governo de Salvador Allende. Jane convivia com os acontecimentos e, em boa medida, noticiava-os escrevendo para Dulce, sua irmã-destinatária, a quem tratava por *Madrinha*. Em uma de suas cartas, ela diz:

A situação em Chile está ficando cada vez mais interessante e se aproximando de um ponto culminante. Os fascistas saem às ruas para paralisar o trânsito, provocar o governo e tudo o mais. A

esquerda sai em apoio ao governo, briga nas ruas com os fascistas e todos os dias vem uma repressão contra os dois lados. Todos os dias atiram bombas lacrimogêneas e ontem uma pessoa morreu, quando recebeu um bombaço e outra quase, pelo mesmo motivo. [...] Parece que a hora decisiva se aproxima: logo logo ou seremos livres e socialistas ou escravizados pelos fascistas. Não podem imaginar como esta vida em Chile me serviu de uma grande experiência. Estou vendo coisas como se tivesse em um laboratório social. Outro dia fiquei entre dois grupos que quase começam a lutar. Se estivesse ali e comessem a luta eu ia ter de lutar de qualquer maneira porque nessa altura é impossível lavar as mãos e correr, aliás, é uma coisa que não pretendo fazer. [...].⁸

Jane não era só testemunha ocular era, sobretudo, parte da experiência. Era nas práticas cotidianas que ela percebia os sentidos da trama política chilena e nelas, via “coisas como se tivesse e em um laboratório social”. Para os militantes, a teoria era pensada, articulada metodicamente; a prática era imprevisível, inventada, construída e nem sempre seguia o curso dado pelas compreensões teóricas. Nessa ótica, compreende-se a afirmação “não podem imaginar como esta vida em Chile me serviu de uma grande experiência”, quase como um espanto. Laboratório era o espaço das experimentações plurais e na sua analogia, ela focava as aprendizagens nos confrontos que presenciava com o olhar da militante: a oposição reunia os fascistas que provocavam o governo e a esquerda o defendia.

Na concepção militante, a luta era a do bem contra o mal, da liberdade de ser socialista ou escravizado pelos fascistas. O relato dos conflitos é tenso e as provocações, brigas, gritos, insultos, mortes, bombas, gases, choros, lutas violentas, preocupações e repressão de ambos os lados adquirem um tom de espetáculo das disputas de poderes. Para Jane Vanini, a luta pela construção do socialismo chileno tinha sua continuidade no trabalho dos operários ou nas trincheiras, armada com o discurso político, com a ação revolucionária ou com o fuzil empunhado. Ela via-se e sentia-se de vanguarda, combativa, compondo as difíceis frentes de batalha e, sobretudo, sendo protagonista da história, pois o orgulho era “pertencer a uma classe que cumprirá seu papel histórico de luta, de trabalho e de esforço na construção da nova sociedade”. O trecho a seguir revela as incertezas da luta e a dimensão dos combates:

A direita aqui está unida quanto aos objetivos: subir ao poder derubando o governo popular, porém estão até certo ponto divididos quanto ao meio de derrubá-lo: via legal ou golpe de estado. É possível que nesses quatro dias as coisas se definam e Chile venha a ser o que o Brasil começou em abril de 64: uma ditadura militar fascista. [...] ontem estava programada uma marcha similar a da

⁸ Trecho de carta escrita em 07.09.72, assinada por Ana.

Família de Deus pela “liberdade”. Os trabalhadores se preparam nas fábricas, fazendo turnos de vigilância para impedir qualquer ‘toma’, incêndio ou sabotagem de direita. Todos os chilenos de um ou outro lado se preparam de alguma forma ainda que seja psicologicamente para enfrentar os acontecimentos. Todos se preparam na escola, no trabalho, nas quadras residenciais, onde quer que seja. A consciência política do chileno é muito combativa e duvido que as coisas se dêem pacificamente como no Brasil.⁹

Quando diz que a “direita aqui está unida quanto aos objetivos”, Jane revela lucidez política sobre o momento em que vivia: havia uma real possibilidade de destituição do governo de Allende, visivelmente pelos ganhos que a oposição ia adquirindo ou por um golpe de estado que se anunciava por situações imprevisíveis. Por isto, a esquerda mais que nunca precisaria ser forte e unida para combater os “inimigos do povo”. Essa crença revolucionária a levava a uma leitura comparativa entre Chile e Brasil, acreditando em resultados distintos não pela passividade, mas pela “consciência política combativa” do chileno. Apesar disso, as (in)certezas aumentavam em função dos movimentos grevistas de outubro de 1972. E Jane relatou esse momento em outra carta (19/10/72):

Aqui parece que chegou a hora da luta: a burguesia está seriamente lançada na tentativa de derrubar Salvador Allende e seu programa socialista. Os comerciantes (não os comerciários) estão em greve. Os donos de caminhões estão em greve e os choferes não podem transportar mantimentos, combustível como gasolina, querosene, etc. A cada dia aumenta o número de organizações controladas pela burguesia na tentativa de derrubar o governo. [...] Os operários, estudantes, médicos, engenheiros, etc., de esquerda, fazem trabalhos voluntários, pessoas que sabem dirigir se apresentam para dirigir os poucos caminhões que sobram, se revezando para não parar de produzir, de transportar, etc. [...] Hoje param os ônibus de transporte coletivo urbano que pertencem a particulares. Como uma parte muito pequena foi a que se conseguiu estatizar, amanhã todos estarão muito descontentes.

Esses trechos, que mais parecem um diário de campo, dão visibilidade aos conflitos que varriam o Chile. Falando como militante sobre o volume grevista, Jane apontou as pessoas que estariam contra ou a favor da Unidade Popular: de um lado estava a *direita*, que abarcava comerciantes, donos de caminhões e dos transportes coletivos, outros empresários, etc.; de outro, a *esquerda* que reunia comerciários, choferes impedidos de trabalhar se articulando com operários, estudantes e profissionais liberais para garantir o funcionamento mínimo dos serviços necessários à população.

⁹ Carta datada de 15.09.72, assinada por Ana.

Esse quadro de tensões sociais se verticalizava com o aparecimento de favelas em vários pontos do país, com destaque para a capital, Santiago. Como em tantas outras comunidades pobres e periféricas, a ocupação de terrenos resultava na *favelização* de espaços urbanos de algumas localidades chilenas, produzindo situações sociais desordenadas, definidos pela precariedade de água tratada, energia elétrica, esgoto sanitário, transporte coletivo, saúde pública, educação e abastecimento básico. Esses cenários ajudavam a construir os discursos dos opositores ao expor fragilidades políticas das Instituições chilenas, dada à falta de respostas adequadas aos que esperavam obtê-las. Não sem equívocos, Salvador Allende acreditava na eficiência de negociações com descontentes e opositores, como instrumento capaz de estabelecer a paz social.

Das situações vulneráveis, o transporte coletivo e a alimentação eram as que mais expunham as tensões sociais do Chile. Em razão disso, as medidas emergenciais para suprir essas deficiências eram a distribuição de cestas populares, assegurando às *poblaciones*¹⁰ o acesso aos gêneros básicos e os meios que garantissem o abastecimento. As distribuidoras estatais, articuladas com os grupos de apoio ao governo, viabilizavam o trabalho de venda direta em mercados volantes, instalando os “armazéns do povo” em bairros periféricos. Drago (1995, p. 83), afirma que os “mercados que fecham são abertos pelos populares do lugar e em seguida confiscados [...] as fábricas são ocupadas e assumidas pelos seus trabalhadores e os jovens se oferecem como voluntários para dirigir os caminhões confiscados e para carregar e descarregar mercadorias”. Jane fazia parte dessas brigadas e continuava acreditando na construção do socialismo chileno. Ela escreveu para o pai, José Vanini, assim:

Hoje volto a carga e como fiz um montão de coisas além do normal, participei de trabalhos voluntários, conversei com o povo, reparti e vendi alimentos a preço oficial, combatendo assim o mercado negro de alimentos e uma série de novas experiências. [...] Estou enviando um cartão (ou o selo) que nós usamos quando fazemos trabalhos voluntários. Eu o ganhei por trabalhar por Chile, para que o senhor veja que os bons exemplos frutificam. [...] Hoje eu volto a escrever e no plano político estou mais satisfeita, apesar das perspectivas do plano político nacional não ser muito animadora.¹¹

Esse fragmento traduz uma condição plena da militância: Jane estava em uma “operação revolucionária”, trabalhando pelo socialismo chileno, apesar do desalento causado pelas concessões do governo para com a oposição. Esse tipo de voluntarismo era uma ação militante notória. Conversar

¹⁰ Designação de comunidades pobres e periféricas, excluídas de acessos e oportunidades.

¹¹ Carta de 31.10.72, com assinatura de Ana.

com o *povo* significava informá-lo sobre os acontecimentos, explicar-lhe o sentido das ações políticas e conquistá-lo para as fileiras da luta pelo socialismo. Esse era um trabalho de conscientização de classe e dessa forma, na mesma carta, ela foi incisiva: “eu quero ser de vanguarda também no trabalho como na trincheira, se for o caso”. Ser de vanguarda na militância significava sentir-se protagonista do devir histórico.

Para administrar os confrontos, Allende decretou estado de emergência e determinou que as Forças Armadas garantissem a manutenção da ordem pública. No conjunto das decisões e apesar de algumas resistências dentro da UP, o presidente compôs um gabinete militar e reformulou a equipe de governo, além de sancionar a *Lei de Controle de Armas*, depois de apresentada pela Democracia Cristã e aprovada, por unanimidade, pelo Parlamento. Como parte dos acordos, o governo impôs o fim das paralisações e um diálogo com os grevistas para adverti-los quanto aos prejuízos que as greves causaram à economia e ao funcionamento do país. A oposição valeu-se dessas medidas para ajustar suas estratégias de retomada do poder governamental. Outra carta de Jane noticiava para a *Madrinha* o que possivelmente aconteceria:

Para Janeiro está programada outra greve de comerciantes e sindicatos controlados pela oposição. Prometem que será pior que a de outubro e também o governo promete que será mais duro com os grevistas e assim tudo a cada dia é uma expectativa no Chile. Não vindo em janeiro, a senhora perde a oportunidade de ver os ricos em greve apoiados por alguns meio pobres que se venderam ou que não entendem nada. No Natal o centro fica cheio de vendedores ambulantes. As ruas são fechadas ao trânsito e ficam totalmente tomadas por gente compradoras e vendedores. Então esse montão de gente veio um grupo de “Patria y libertad”, um grupo de fascista como TFP só que muito mais agressivo porque se treinam militarmente, inclusive recebendo treinamento no Brasil, todos armados de paus especiais, ferros e cinturões com fivela pesada começaram a provocar e quando alguém lhes respondia algo, eles o surravam. O Povo se uniu e deu uma boa sova em alguns e expulsaram das ruas.¹²

De fato, o relato dava a conhecer a imprevisibilidade dos acontecimentos chilenos, mas creditava-se certa confiança política ao governo pelas promessas de agir com mais vigor contra os grevistas. No começo de 1973, pelas ruas de Santiago circulavam prenúncios de um golpe a ser deflagrado a qualquer momento. Com a sanção da lei de armas e a consequente campanha de desarmamento desencadeada pelos militares, tornou-se corriqueiro o desfile de carros blindados, tanques e material bélico pelos espaços públicos da capital. Esse cenário ostentoso possibilitou que a população vivesse

¹²Carta de 31.12.72, com assinatura de Ana.

tanto as ações do desarmamento propriamente dito, quanto as investidas conspiratórias contra Allende. Em junho, Jane escreveu à Madrinha sobre a rebelião de um Regimento Blindado do Exército e a tentativa de um golpe iminente:

No dia 29 de Junho como a senhora deve saber, houve uma tentativa de golpe aqui. Nesse mesmo dia comecei a te escrever contando, mas foram tantas as tarefas derivadas disso que não pude terminar a carta e até creio que a perdi. Por isso comecei outra. Aqui tudo continua aparentemente igual, porém tem muitas coisas diferentes. [...] enfim corri não exatamente dentro da balcera de metralhadoras, tanques, etc., mas bastante perto. Quando os milicos estavam mais desesperados começavam a atirar contra a população, que assistia a essa tentativa de golpe e que eu estava disposta a entrar na luta, defendendo o governo. Mataram algumas pessoas, foram dominados pelos soldados leais e se começou uma nova fase [...] De todas as formas é necessário estar preparado para qualquer emergência.¹³

A operação bélica com tanques blindados, armamentos pesados e uma tropa mobilizada, durou toda a manhã, mas foi dominada pela intervenção do então comandante do Exército, general Carlos Prats, ao promover o cercamento e a rendição dos militares rebeldes. O resultado foi atribuído à postura das tropas leais ao governo. Do paço presidencial e após os combates, Salvador Allende reafirmou a transição para o socialismo e apresentou os militares vitoriosos para um reconhecimento popular, entre eles o general Augusto Pinochet. Em fins de agosto, Pinochet foi nomeado comandante-mor das Forças Armadas em substituição ao general Prats. Nos conselhos administrativos das fábricas, trabalhadores e militantes se mobilizavam para enfrentar situações mais tensas que poderiam surgir.

Além disso, após o *tanquetazo* (como ficaram popularizados os episódios de 29 de junho), o presidente Salvador Allende dirigiu-se aos chilenos, pela rádio *Corporación*, da seguinte forma: “peço ao povo que ocupe as fábricas e as indústrias, que fique alerta, que marche para o centro da cidade, mas que não cause vítimas; as pessoas têm de sair às ruas desarmadas, fazê-lo com prudência e utilizando os recursos que tiverem à mão. Se chegar a hora, o povo terá armas”. (DRAGO, 1995, p. 132). Assim convocados, os militantes passaram às vigílias em instituições públicas, empresas estatizadas e setores produtivos administrados pelos Conselhos Comunaes. Jane era uma das pessoas:

Eu também fico de guarda todas as noites. Algumas não durmo nada. Conversando com os companheiros, conhecendo coisas, etc. Ontem quando comecei a escrever esta carta estava de guar-

¹³Carta de 06.07.73, com assinatura de Ana.

da, mas antes de começar meu horário. Depois senti que tinha um sono tremendo e resolvi dormir até chegar minha vez. Por isso estou terminando hoje. Tenho um bocado de sono ainda, mas agora dá para escrever. [...] Outro dia estive com Sérgio fazendo guarda no mesmo lugar: Canal 9 de Televisão. Era uma das noites mais críticas. Havia boatos de sublevação do exército com todos os matizes possíveis e imagináveis. Alguns afirmam “de pé junto” que os milicos já vinham avançando sobre Santiago.¹⁴

Escrita uma semana após os episódios de junho, essa carta apresenta alguns aspectos singulares. Ela começa em manuscrito e termina datilografada, significando que foi pensada e elaborada em tempos e lugares distintos. Justificando-se, Jane disse: “foram tantas as tarefas derivadas disso que não pude terminar a carta e até creio que a perdi. Por isso comecei outra”. Nesta afirmação estão embutidos os princípios de fidelidade à organização (MIR) a que pertencia a militante, no sentido de continuar defendendo o projeto revolucionário, ainda que discordasse de algumas decisões de Salvador Allende.

O testemunho de Jane é de quem estava na arena, de prontidão nos pelotões de combate contra a oposição e como tal, afirmou: “de todas as formas é necessário estar preparados para qualquer emergência”. Nessa perspectiva, ela percebia que os rumos políticos não reuniam mais as mesmas convicções quanto à condução do governo popular e à continuidade do programa da Unidade Popular. Isso pode ser observado na carta de 07 de setembro de 1972, assinada por *Ana*: “ando muito triste porque as tarefas são imensas e a preocupação de que não se está fazendo todo o possível para se conseguir o fim me deixa meio cabrera. Creio que vai ser difícil voltar a sentir-me totalmente leve e feliz. A menos que triunfemos, então todas as dores se curarão”.

Jane vivia o estágio da “tensão máxima”, que segundo REIS, *apud* RIDENTI (1993, pp. 258-9), consistia em uma série de mecanismos capazes de *aprimorar* os militantes às tarefas da *organização* a que pertenciam. Ser um “revolucionário modelo”, compondo o “leque das virtudes”, exigia do militante um compromisso político de si consigo mesmo para melhor se ajustar à organização que representava. Os enfrentamentos careciam do triunfo das ações, pois qualquer erro nas táticas ou nas atitudes produziria resultados irrecuperáveis e por isso, Jane cobrava a si mesma: “queria ser revolucionário em todos os instantes, situações palavras, preocupações, pensamento e obras e, no entanto, me preocupo e me deixo influenciar por problemas de ordem pessoal”.

No Chile, o ano de 1973 começava com uma economia em declínio, em função dos desdobramentos das paralisações dos transportes, do desabastecimento básico da população e da crise entre os poderes constituídos,

¹⁴ Carta de 06.07.73, assinada por *Ana*

provindos do ano anterior. Somava-se a isso um crescente déficit público, a inflação em alta e uma indefinição do desenho social do país, conforme BITAR (1980, p. 259). O governo começava um programa de distribuição de bens de consumo à população pobre. Apesar desses desarranjos, em março, as eleições parlamentares apresentaram um resultado vantajoso de 44% para os partidos da Unidade Popular, o que dificultaria a destituição do presidente Allende, por vias institucionais.

No mês seguinte, os confrontos entre grupos de direita e de esquerda recommençaram nas manifestações de rua. Também em abril foi deflagrada a greve dos mineiros da mina de cobre *El Teniente*, considerado o maior conflito trabalhista, pois se prolongou por todo o resto do governo Allende e se fundamentava em um “desacordo entre a empresa nacionalizada e as direções sindicais, com a interpretação da lei nacional que outorgou os reajustes de remuneração em outubro de 1972.” (BITAR, *idem*, p. 252). A oposição utilizou esse fato como catalise para uma paralisação nacional, incorporando outras ações políticas, o que resultou no aprofundamento da crise econômica e no acirramento das lutas, através de mecanismos que dificultavam os acessos institucionais, além das ações violentas que promoveram a desordem pública e as campanhas difamatórias contra os atos governamentais.

Os registros de Jane Vanini, datados de 12 de junho de 1973, traduzem a dimensão desses enfrentamentos entre grupos que defendiam interesses e métodos antagônicos para o exercício do poder institucional:

Aqui em Chile temos uma nova ofensiva burguesa contra o governo e vejamos em que dá. Faltam alguns produtos de primeira necessidade que estão acaparados [monopolizados] pelos de direita, ou são contrabandeados para fora do país ou vendidos no mercado negro. [...] estudantes de direita ocuparam o centro da cidade e a polícia com carro lança-água (guanaco) e bomba lacrimogênea não conseguiu expulsá-los, nem destruir o começo da barricada que se formava. Depois vieram os estudantes de esquerda e expulsaram os de direita. É incrível a covardia da direita. Quando estão em ofensiva, se reúnem em muitos e se tomam o centro. Basta aparecer uns poucos gatos pingados de esquerda gritando, por exemplo, ‘a esquerda unida que passe à ofensiva ou que jamais será vencida’ para que todos os outros corram desesperados.

Na dimensão dos enfrentamentos, os relatos das cartas registram uma exaltação virtuosa de um grupo (o de esquerda) e uma consequente desqualificação do outro (o de direita), que por sua vez formulam a superioridade de um sobre o outro; porém, a falta de produtos de primeira necessidade que escasseava o abastecimento da população, o contrabando e o mercado negro, citados no começo do relato, eram condições táticas que outorgavam à direita mais eficácia nos combates e disputas de poderes. Pensando a partir

de CERTEAU (2000), é possível dizer que Jane sempre falava e escrevia de seu lugar político-social: o da militância de esquerda.

Com o presidente reafirmando defender as conquistas sociais e econômicas e buscando entendimento com os grupos opositores para minimizar as tensões que atingiam os segmentos sociais chilenos, começava o mês de agosto de 1973. Logo nos primeiros dias, caminhoneiros paralisaram o país e a oposição começou a obstrução do funcionamento das instituições, incluindo intrigas entre Executivo e Judiciário. As campanhas de desarmamento da população se intensificaram em sindicatos, fábricas e partidos da Unidade Popular. No final do mês, alguns militares leais ao governo renunciaram de seus comandos, favorecendo as forças opositoras a agilizarem a derrubada de Salvador Allende. Mesmo assim, militantes de esquerda continuavam acreditando no caráter constitucionalista das Forças Armadas.

Dessa forma, os confrontos foram se avolumando até o dia 11 de setembro, quando o *Palácio de La Moneda* foi bombardeado em meio a uma operação de guerra. Com os conflitos oriundos tanto dos grupos opositores, quanto das divergências internas das forças políticas aliadas, e até de ações articuladas por militares conspiradores, o governo da Unidade Popular chegou ao fim com a morte trágica de Salvador Allende. Sob uma intensa intervenção militar e até seus últimos instantes, o presidente defendeu a transição pacífica para o socialismo chileno acreditando ser capaz de conviver com a pluralidade política.

Com a implantação da ditadura militar chilena logo após o golpe de estado, o país ficou submetido ao comando do general Augusto Pinochet. Com a força das armas e ignorando a Constituição, as decisões oficiais passaram a ser validadas por atos institucionais, os direitos e garantias individuais foram suspensos e as atividades políticas passaram a ser julgadas e combatidas como “caso de polícia”. O Parlamento chileno foi fechado, os partidos postos em recesso, as atividades sindicais e a justiça do trabalho suspensas, os sindicatos dissolvidos e as organizações populares declaradas ilegais, além da decretação do “estado de emergência”.

O regime ainda criou a *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA) e a *Central Nacional de Informaciones* (CNI), para realizarem serviços secretos e subsidiar a repressão, além da Polícia Política para sufocar quaisquer possibilidades de protestos, através de operações repressivas. Entre setembro e novembro de 1973, o Estádio Nacional Julio Martínez Prádanos foi transformado em campo de prisioneiros, onde cerca de 40.000 pessoas na condição de presos políticos ficaram confinadas sob a mira de fuzis. Desse contingente de prisioneiros, depois de interrogados, boa parte foi enviada a Chacabuco, outro campo próximo à cidade de Antofagasta, norte do país. Muitos chilenos foram submetidos à “liberdade condicional”, vários foram assassinados e outros continuam desaparecidos.

A partir de então, a ditadura elegeu diferentes mecanismos de repressão para aniquilar seus opositores e o medo se generalizou. Do que se tem conhecimento, somente em fevereiro de 1974 é que Jane Vanini, continuando a viver em *Ana* e ainda residindo em Santiago, escreveu para sua *Madrinha*. Nesse intervalo de tempo, se houve qualquer outra correspondência deve ter sido interceptada pelos organismos de controle ditatorial. Pelas circunstâncias do golpe de estado, as cartas enviadas do Chile para o Brasil passaram a noticiar não mais os confrontos entre governo e oposição:

Hoje vou mudar de casa e onde vou morar não tem máquina de costura e não vou poder costurar mais. Outra coisa que estava fazendo era artesanias em couro, mas o couro se havia acabado e eu não tinha mais 'plata' porque me faltava vender umas carteiras (aliás muito bonitas). Agora vou comprar mais e também ferramentas como estampador, pirógrafo, faca, etc. porque estava com tudo isso emprestado, trabalhando com uma amiga. Vou ver inclusive se posso me inscrever como artesã. Essa quem sabe vai ser minha última tentativa de ficar aqui. Realmente não quero ir-me embora. Quero ficar aqui. [...] Madrinha, creio que por muita sorte foi que recebi esses \$25 porque a censura está funcionando. [...] Hoje o toque de queda começa 1 hora da madrugada.¹⁵

Diferente de cartas anteriores, esse é um relato de quem buscava sobreviver física e financeiramente, na condição de artesã, como “última tentativa” de permanecer no Chile. O hiato sobre o cotidiano político faz pensar as tensões e os mecanismos de controle que o estado autoritário estabeleceu sobre os espaços públicos e privados, interceptando a vida individual e coletiva das pessoas, valendo-se de aparatos repressivos como a censura, por exemplo. O controle irrestrito dos espaços públicos ficou determinado pelo “toque de queda”¹⁶ gradativo, como noticiou Jane nessa mesma carta: “o horário de toque de queda foi diminuindo gradativamente. Agora é de uma às 5.30”. Reforçando, em outro trecho ela diz que “depois desse horário, a qualquer desobediência, se atira sobre quem sai”.

Certamente foi em função da censura que a família Vanini não recebeu cartas de Jane, enviadas do Chile, durante os meses imediatos que se sucederam ao golpe. Para partidários e simpatizantes da Unidade Popular, o foco dos combates tinha mudado: encontrar maneiras de continuar vivos. Mesmo assim, sem notificar as razões, Jane manifestou sua vontade de continuar *chilena*, ainda que fosse a última tentativa de ficar por lá. Costurar, produzir artefatos de couro e comercializar sua produção era a maneira de

¹⁵ Carta de 01.02.74, assinada por *Ana*.

¹⁶ Também conhecido como “toque de recolher”, próprio de governos autoritários, esse mecanismo repressivo é determinado por atos oficiais, pelos quais as pessoas civis são proibidas de circular livremente nos espaços públicos e, por efeito, são obrigadas a se recolherem nos espaços privados pelo tempo definido previamente.

levar uma vida pessoal aparentemente comum, além da necessidade de sobrevivência material? Inscrever-se como artesã era buscar uma identidade civil e tornar-se invisível aos olhos da repressão?

O recorte abaixo, também escrito em fevereiro de 1974, revela a convivência das pessoas com o medo e a insegurança que se instalaram tanto no espaço público quanto na privacidade familiar. As ações e operações arbitrárias dos órgãos repressores para com os indivíduos (civis, especialmente) produziam fantasmas no coletivo social, ainda mais quando se *guardava*, dentro de casa, uma pessoa passível de suspeição:

Neste instante tenho um problema com as cartas. A senhora Helda viajou, se foi daqui e a irmã dela que está na casa não quer que lhe escrevam para lá, tem medo, etc. Assim é que tão logo possa te mando um novo endereço. [...] Vivo agora com amigos que estão de férias, mas quando chegarem, depois de amanhã, tenho que mudar-me. Apartamentos ou casa para alugar estão muito difíceis.¹⁷

Por ser legítimo e oficial, o programa político da Unidade Popular expunham seus defensores e simpatizantes, sobretudo, quando os confrontos com os opositores se intensificaram. Nos combates ou nas ações políticas pacíficas, a exposição pública de cada militante fazia-lhe vulnerável frente ao controle repressivo do estado ditatorial. Nesse sentido, a cultura da solidariedade entre militantes produzia formas de sobrevivência física e assim, Jane foi acolhida por Carolina mesmo em condições mínimas de acomodação, como mostra o relato de 04 de maio de 1974:

Carolina me conhece por Gabriela e o telefone dela é 460-224. Se algum dia necessitam pedir notícias minhas chamem de pessoa a pessoa. Em geral ela está em casa às noites. Vou deixar o telefone de Magá com ela para que ela os chamem em caso de necessidade. [...] Não repare a letra. Já é noite e te estou escrevendo da cama porque meu quarto é tão pequeno que não cabe nem mesa. Tenho um mini-guarda roupa, uma mini-cama, um criado mudo, couros e está tudo ocupado. [...] Infelizmente, por uma série de razões, não dá para eu ter um trabalho fixo. [...] Vão receber notícias minhas agora com mais dificuldade. Parece que vão me mandar para mais longe, mas não deixe de escrever-me. Depois respondo tudo junto.

No fragmento a seguir, Jane fala de uma pessoa muito singular que fez parte de sua história de vida – o *Pepe*. Seu nome era José Henrique Carasco Tapia, trabalhava como jornalista da revista Ponto Final e também era militante do MIR. Pepe foi o chileno com quem Jane se casou pela segunda vez e, ao que parece, era uma das razões da permanência no Chile:

¹⁷Carta de 21/02/74, sem assinatura.

O Pepe ia escrever à Madrinha, mas não teve tempo porque viajou. Estou só por vários dias. Ontem ele me telefonou e disse que morre de saudades minhas. Deve vir buscar-me dia 8. Se vem mesmo e se eu consigo um telefone, vamos telefonar no dia 08.09.74, entre 20 e 21 horas, hora de Chile. No dia 22 passado nós tentamos telefonar, mas não encontramos lugar.¹⁸

Alguns aspectos como a falta de tempo por motivo de viagem, a incerteza pela volta, a solidão e a dificuldade de encontrar lugar para fazer um telefonema, dizem da ansiedade que vivia o casal. Essas situações próprias de quem fugia do cerco policial-militar eram estratégias de sobrevivência, por isso era preciso ficar atento a tudo que acontecia no entorno de si nos espaços públicos e privados. Os constantes deslocamentos também eram fundamentais para escapar da repressão e, em boa medida, as organizações “cuidavam” dos militantes porque dessa forma continuavam existindo e combatendo. Nesse contexto, e pelo fato de a repressão ter se intensificado na capital, o MIR enviou Jane e Pepe para Concepción, cidade situada à beira do pacífico, cerca de quinhentos quilômetros de Santiago:

Tenho um problema agora. Vou viajar para outra cidade. Só de vez em quando vou vir a Santiago é só nesse caso lhes vou poder escrever. E também só então vou poder receber as cartas que vocês me escreverem e que a Rosita vai me guardar. Assim é que não se preocupem com a falta de notícias. Vou deixar o telefone e o endereço de vocês com Rosita para que ela lhes avise se acontecer algo imprevisto. (carta de 29.07.74, assinada por *Carmem*) Aqui me guardam a carta. Além disso, quero combinar uma coisa com a senhora. Em caso de que me aconteça alguma coisa má, a Carolina vai telefonar ou escrever à senhora ou à Magaly, dizendo que eu estou doente. Ela dirá mais ou menos assim: ‘llamo para avisar que Carmem esta muy enferma’ tradução: chamo para avisar que Carmem está muito doente. Pode ser que ela use outra palavra que vocês conhecem, então tratem de entender o que ela disser, tá? (carta de 12.11.74, assinada por *Carmem*).

“Viajar para outra cidade” significava fugir dos altos riscos que se tornavam mais prováveis de capturas pelo aparato policial-militar, em vigor. A comunicação com a família ficava mais difícil porque os deslocamentos físicos e o funcionamento sistemático da censura impediam o acesso direto às cartas. A formação política de esquerda e as práticas de lutas revolucionárias impunham aos militantes o “ponto de não retorno”, que consistia na continuidade dos enfrentamentos dada as concepções teóricas sobre o projeto revolucionário, “o nível de envolvimento político já alcançado e a própria obrigação moral com os presos, mortos e torturados”, como afirma RIDENTI (1993, p. 251).

¹⁸ Carta de 29.08.74, assinada por *Carmem*.

As duas mulheres que apareceram nos relatos das cartas (Rosita e Carolina) eram *companheiras de luta*, o que revela a rede de solidariedade que se constituía nas práticas da militância e por isso elas eram habilitadas a noticiar para a família Vanini, no Brasil, qualquer *coisa* que por ventura acontecesse com Jane. Quando Jane escreveu “...para que ela lhes avise se acontecer algo imprevisto” e “em caso de que me aconteça alguma coisa má...”, ela estava falando de perseguição, prisão e morte. Para os militantes de esquerda armada, essas condições eram muito próximas, faziam parte da vida.

Esses não foram os únicos fragmentos que Jane conjecturou a ideia de tragédia como parte da luta. Também não foram raros os registros de desventuras provenientes de avaliações das práticas de militância de esquerda, pois eram mundos que impunham a convivência da vida com a morte, onde as experiências da luta política se mesclavam com vida cotidiana, discurso e ação se fundiam no ideal revolucionário. Na formação revolucionária, o militante incorporava a necessidade de sua dedicação exclusiva à organização a que pertencia, pois a luta era justa, a causa era nobre e a crença era verdadeira. A resistência era, portanto, uma condição ética do fazer político.

Em meados de novembro de 1974, Jane, “personificada” em *Car-mem*, falava das dificuldades de enviar e receber as cartas. Os dias se passavam e a *Madrinha* esperava receber a próxima correspondência da irmã. Findava-se o ano e a espera continuava. A ansiedade da família era maior que o silêncio das cartas. Com data de 05 de março de 1975, Dulce Vanini recebeu a primeira carta escrita por *Pepe* quando se encontrava preso em um dos centros de detenção, em Santiago, capital do Chile; embora o fragmento seja longo, pelas razões da escrita, vale à pena a leitura:

Querida Madrinha:

Jamás pensé que la primera carta que te escribiría sería en circunstancias tan amargas: Ana há muerta. Gabriela, como yo la coneci, cayo en un enfrentamiento com soldados de la dictadura en la noche del 6 de Diciembre en Concepción, donde vivíamos cuatro meses antes.

Madrinha me imagino el imenso dolor que esta carta debe causarte. Es el mismo dolor que yo senti desde que el 31 de diciembre me comunicaron la noticia en una prision de Concepción. Solo podemos enfrentar esta situación sabiendo que Ana munió como siempre ella la hubiera querido luchando com su extraordinario valor contra los enemigos de los pobres y los desposeidos, luchando por la causa de los explotados.

Madrinha, muchas veces si dice que nos damos cuenta del enorme valor de la que tenemos, solo cuando la hemos perdido. En mi caso Madrinha, mientras tuve la suerte de compartir mi vida com Ana aprendi de la grandeza que puede alcançar una persona cuando está conciente y convencida del objetivo que há dado a su vida. Su entereza y fuerza en los momentos difíciles, su hermosa

alegría en los momentos de felicidad y tareas cumplidas, su valor, su límite que mostró siempre, su consecuencia revolucionaria que la llevó a entregar su vida, todo eso querida Madrinha deve servirnos de ejemplo y darnos fuerza para enfrentar este momento.

Yo estoy seguro que el igual que los miles de revolucionarios que han dejado su vida en la lucha, Ana no ha muerto en vano. Su ejemplo en la vida y en el momento de su muerte hará más fuerte a quienes la conocieron, a quienes la amamos y a quienes sabrás de ella.

Pelas informações do próprio relato, José Carrasco Tapia (Pepe), afirmou que não foi possível escrever antes porque estava incomunicável, situação muito comum nos registros históricos das ditaduras civil-militares, em especial, a do general chileno Augusto Pinochet. Nessa correspondência, os dois primeiros parágrafos tratam de noticiar a tragédia da morte de Jane Vanini, e com votos de pesar, procura confortar a *Madrinha* pela perda da irmã. Em todo o conteúdo da escrita não há lamentos, pelo contrário, há uma exaltação pelo valor e pelo gesto da revolucionária. Isso se repete outras oito cartas que *Pepe* enviou a Dulce até 1976.

Nos dois últimos parágrafos, *Pepe* fala do sacrifício como grandeza pessoal como dever cumprido na luta revolucionária e essa concepção “ganha contornos de obrigação moral com os companheiros caídos e com a sobrevivência do próprio grupo guerrilheiro” (RIDENTI, 1993, p. 267). Para esses militantes de esquerda a morte não era um fim necessário, mas compunha o conjunto de ações nos enfrentamentos policiais e militares. Então, por esse percurso, morrer na ou pela luta, adquiria uma significação de *gesto revolucionário* e, por isso mesmo, deveria servir de exemplo e força para encorajar os que ficavam. No cotidiano da militância de esquerda, “quando chegava a notícia da morte de um companheiro, as reações não eram de medo, mas um sentimento de dívida com o companheiro caído. Aumentava seu fardo moral, agora é que se tinha mais compromisso ainda, de levar a luta em frente, de qualquer maneira.” (PAIVA, 1984, p. 269).

Na tentativa de esconder da história as arbitrariedades e as atividades criminosas, as ditaduras civil-militares da América do Sul se valeram de várias artimanhas para validarem suas decisões e atitudes. Para muitas famílias, ainda hoje, continua sendo dignidade encontrar seus entes queridos, ainda que sejam os restos mortais. Por não ter sido de outra forma, essa carta de José Carrasco Tapia – o Pepe –, representa o atestado de óbito de Jane Vanini, porque também, sem forjar qualquer situação, é o documento que registra a *causa mortis*.

As cartas familiares escritas por Jane Vanini, Sérgio Capozzi e Pepe Carrasco foram tomadas como fontes documentais não porque registram verdades inquestionáveis, mas porque possibilitam visitar o passado para

interpretar as ações humanas num dado tempo histórico, pois como concebe Paul Veyne (1998, p. 54), “documento pode ser definido como todo acontecimento que deixou, até nós, uma marca material”. Então, que marcas materiais podem ser encontradas nas cartas escritas por Jane? Porque escrevê-las e enviá-las quando a autora e seus companheiros viviam tempos políticos tensos?

Pelo volume produzido, escrever essas cartas era uma necessidade porque se constituíam como espaços da individualidade e das identidades plurais, possibilitando que ela se reconhecesse na sua própria trama ora como revolucionária, ora circunscrita a si mesma. Para a família, enquanto objetos, as cartas significavam a continuidade da existência humana, circunscrita aos aspectos da materialidade como, por exemplo, o papel, a letra, o estilo da escrita e os conteúdos. Cada carta enviada e recebida expressava e confirmava a relação de afetividade, confiabilidade e aceitabilidade entre remetente e destinatários.

Como receptora das cartas, Dulce se angustiava com a demora das notícias e com as incertezas dos tempos, que entrelaçavam acontecimentos para além da natureza e conteúdos noticiados. Aguardar, receber e ler as cartas era lidar com tempos entrecruzados porque “o hoje da recepção e da leitura vêm sempre depois do hoje da escrita e depois do hoje do envio, que agora já é um ontem e esses dois hojes já sendo defasados no tempo, contém a possibilidade quase certa de aquilo que nas cartas se lê, já não é mais o que está acontecendo”, (MELO; CASTRO, 2000, p. 15). O tempo das operações militantes não era dimensionado por circunstâncias cronológicas, mas pela intensidade das experiências vividas.

Na década de 1970, a militância de esquerda (armada ou não), no Brasil e em outros países, formulou concepções políticas assentadas na ideia de “libertação nacional”. Além dos estudos das teorias anticapitalistas, essas formulações tiveram referências inscritas em acontecimentos e figuras, cujas simbologias produziram convicções que encorajaram práticas revolucionárias na perspectiva de um futuro pautado na justiça social. Essas influências produziram sentidos, elegeram símbolos e lapidaram utopias.

Simbolicamente, pessoas e acontecimentos inspiravam os militantes. No conjunto dos signos, as barricadas de Paris (1968), de caráter contestador criticando o capitalismo e o mercantilismo nas ruas parisienses, se transformaram em símbolo de luta contra valores e instituições tradicionais. Jovens e trabalhadores mobilizados lutavam por novos tempos e liberdade, se contrapondo aos utilitarismos. A guerra do Vietnã também pode ser mencionada como uma dessas simbologias porque comportava uma razão simbólica: os vietnamitas derrotaram os Estados Unidos da América e, enquanto potência ocidental financeira e militar, estes representavam opressão internacional e exploração de estados considerados periféricos. Cada um

com suas particularidades, os dois acontecimentos entusiasmavam os movimentos revolucionários na América do Sul.

No final de algumas cartas de Jane Vanini consta a expressão “*Patria o Muerte! Venceremos*”, geralmente como despedidas. Com essa escritura ela reafirmava para si mesma e para a família sua crença nas lutas. De autoria de Che Guevara, essa *oração* conferia um compromisso especial às ações revolucionárias, uma vez que a sobrevivência precária, os riscos da clandestinidade e até a ideia da morte eram incorporados pelos militantes como parte do projeto político. Nessa mesma ótica, a experiência cubana era um exemplo a ser seguido, no imaginário dos militantes de esquerda. A revolução cubana se constituía como força consistente para se acreditar no sucesso das esquerdas, porque o triunfo de *Sierra Maestra* e o acolhimento de Cuba aos projetos políticos das esquerdas fomentavam a imaginação utópica, a paixão revolucionária e o prosseguimento das lutas.

Para TEIXEIRA COELHO (1980, p. 82), a imaginação utópica se processa na relação que constrói o “ponto de contato entre a vida e o sonho”, e por isso mesmo produz sentidos mútuos. No campo político, a imaginação utópica, era não só o “elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas também das revoluções.” Ela, a imaginação utópica, mergulha o indivíduo na busca convicta pela materialização de um desejo, e o desejo de Jane e de outros tantos militantes estava na defesa do projeto revolucionário, na vontade de experimentá-lo e na crença de sua consecução.

O conjunto desses aspectos justifica a luta revolucionária dos militantes e de Jane Vanini, em particular. Nos relatos, as convicções estão carregadas de desejos, manifestadas na arte de dizer para outras pessoas e para si mesma suas escolhas. Construindo identidades para os múltiplos tempos que vivenciava e incorporando as experiências da militância de esquerda (armada ou não), Jane revelou sua paixão de revolucionar o mundo. Embora sejam registros pessoais, as correspondências são narrativas que ganham reconhecimento na medida em que a autora se comportava como protagonista e/ou testemunha dos acontecimentos e assim, transformava seu olhar e opiniões em palavras. O volume dos fatos chilenos que as correspondências noticiaram para a família no Brasil, deu luz às paixões da militante Jane Vanini e construíram uma memória *incomum* sobre esse tempo histórico.

Buscando em Hegel o conceito de paixão, LEBRUN (1987, p. 23) afirma ser aquilo “que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as condutas [...] é então constitutiva de um personagem – mas sem transformá-lo num maníaco...” Nessa perspectiva, cabe perceber a paixão revolucionária como um movimento da alma que tocava os afetos e conduzia as emoções. Elas, as paixões, alimentavam as práticas políticas interpondo-se entre sofrimento e prazer, encantos e desencantos, porém são aspectos do comportamento humano que devem passar pela compreensão e não pela condenação.

Referências

- BITAR, S. **Transição, socialismo e democracia**: Chile com Allende. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- DRAGO, Tito. **Chile: um duplo sequestro**. Brasília-DF: Ed. Thesaurus, 1995.
- LEBRUN, Gérard. O conceito de Paixão. In: CARDOSO, Sérgio. **Os sentidos da Paixão** [et al]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MELO e CASTRO, E. M. de, Odeio cartas. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Batella. (orgs.) **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PAIVA, Maurício. **Transição ao Socialismo**: as lições do Chile. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1984.
- REIS FILHO, Daniel A. **As organizações comunistas e a luta de classes** (1961-1968). São Paulo, 1987. Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade de São Paulo.
- RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- TEIXEIRA COELHO, José Neto. **O que é utopia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Editora da Universidade de Brasília, 1998.

Artigo recebido em 27-02-2014, revisado em 19-05-2014 e aceito para publicação em 11-06-2014.